

# DOM PEDRO II NOS ESTADOS UNIDOS: IMPRESSÕES DO ROTEIRO DE UM MONARCA VIAJANTE (1876)

Jorge Henrique Marcelino\*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i1p247-273

**Resumo:** A análise das impressões do último monarca do Império do Brasil, Dom Pedro II, em viagem aos Estados Unidos abarca a micro-história e a História da Ciência e da Técnica. A contextualização da viagem e os aspectos anotados pelo monarca em seu diário de viagem são as diretrizes para uma pesquisa que analisa os interesses científicos, culturais e diplomáticos do Imperador durante sua estadia, apresentando os objetivos da viagem do monarca brasileiro. Consiste como fundamentação desta pesquisa, a metodologia micro-histórica embasada na análise do volume 17 dos diários do Imperador e na crítica de bibliografias que permitam as respostas dos problemas acerca da viagem, reconstituindo os caminhos feitos por Dom Pedro II durante os meses que passou nos Estados Unidos.

**Palavras-chaves:** História do Brasil Imperial, História de Dom Pedro II, Micro-história, História da Ciência e da Técnica.

## 1. INTRODUÇÃO

Dom Pedro II (1825-1891) governou o Brasil por 49 anos, três meses e 22 dias. O Imperador brasileiro foi considerado um dos maiores governantes de seu tempo e se destacou pelo empenho aos estudos das letras, ciências e culturas, registrando suas experiências meticulosamente em seus diários que somam 43 volumes e foram escritos de modo ordenado entre 1859 e 1891. Do volume 17 dos diários do monarca do Brasil expostos à luz da micro-história emerge a pesquisa baseada nos múltiplos contatos interculturais promovidos por ele. São notáveis neste sentido os registros feitos a 08 de maio de 1876, onde, em visita à Imprensa Nacional dos Estados Unidos, dirige-se à oficina de encadernação e repara que 500 mulheres estão ali empregadas; e a 11 de maio, em que nota o trabalho feminino numa fábrica de fósforos. Ainda que lentas, as transformações sociais pontuais do século XIX fazem parte das memórias de Dom Pedro II, sendo importantes para compreender as mudanças nos valores morais aplicados nas sociedades em que convivera.

Nos Estados Unidos, o valor à ciência que lhe era dado é visto não apenas pela presença do monarca na Exposição Universal da Filadélfia, mas no cotidiano, quando fazia questão de visitar observatórios astronômicos, bibliotecas e institutos, sendo o mais célebre o Instituto de Surdos e Cegos, coordenado por Alexander Graham Bell, de quem se tornaria correspondente após a viagem. O porte das políticas públicas surpreende o monarca numa modernidade que não conhecera na velha Europa. Um progresso incrustado nas ferrovias e na produção automatizada em larga escala, é parte do fascínio de Dom Pedro II pelo projeto de nação implantado pelos estadunidenses.

A imprensa estadunidense, principalmente o jornal *The New York Herald*, faria

## D. Pedro II nos Estados Unidos

ampla propaganda sobre os visitantes imperiais; destaque para seu correspondente enviado ao Brasil, James O'Kelly, que esteve junto à corte brasileira em janeiro de 1876 e não saiu da presença de Dom Pedro II durante o embarque, o trajeto e tampouco durante a estadia deste nos Estados Unidos da América. Merece destaque nesse sentido o trabalho de Argeu Guimarães (1961) no livro *Dom Pedro II nos Estados Unidos*, que analisou todas as publicações de O'Kelly e roteirizou a viagem do Imperador a partir da ótica do correspondente do New York Herald. Carvalho (2007, p. 162) aponta a dimensão da admiração dos jornalistas estadunidenses pelo monarca tropical durante e depois de sua visita, citando o The New York Times de 16 de novembro 1889, que afirmava não haver monarca vivo com a reputação maior que Dom Pedro II, repetindo o elogio quando de sua morte em 1891.

Lília Schwarcz enfatiza em *As Barbas do Imperador* a importância das Exposições Universais para a segunda metade do século XIX, onde o mundo se transforma amplamente. Estes eventos são símbolos das prosperidades, apresentando as novidades científicas e os progressos obtidos pelos países em áreas definidas, enfatizando a indústria, as belas-artes, as manufaturas e matérias-primas como os principais destaques (cf. SCHWARCZ, 1998, p. 385-407). No capítulo intitulado “Exposições universais: festas do trabalho, festas do progresso”, Schwarcz analisa como as Exposições Universais foram ampliando sua magnitude, o papel da burguesia neste processo e a participação do Império do Brasil, que a historiadora associa à afeição do Imperador pelo progresso e pela ciência, salientando que “[...] nada combinava mais com esse monarca que se auto representava como ‘moderno, cosmopolita e cidadão’ do que o espetáculo das Exposições Universais” (SCHWARCZ, 1998, p. 388). A nada simples tarefa de transformar o Brasil em uma nação coube a um menino de catorze anos de idade que, refém de sua personalidade, fez-se um

monarca extremamente interventivo e participativo das minúcias da vida política do país (BARMAN, 2012, p. 10).

As perspectivas de “Práticas” e de “Cultura Material”, trazidas por Peter Burke em *O que é história cultural?*, alicerçam fortemente a escrita da História e permitem considerar os registros de Dom Pedro II em âmbitos separados da Nova História da Cultura, sem sair, entretanto, da perspectiva analítica de seus interesses, uma vez que se segue o estudo da viagem e das relações envoltas em sua estadia. No Capítulo III, intitulado “A vez da antropologia histórica”, Burke (2005, p. 184) traz o nome de Carlo Ginzburg como pertencente ao viés Cultural da História pela obra *O queijo e os vermes*. É verídico que o trabalho de Ginzburg não se aparta totalmente do viés supracitado, entretanto é renovadora do ponto de vista investigador, uma vez que privilegia o uso da fonte, permitindo ao historiador a minúcia dos detalhes sem dar ao texto características de linearidade.

A micro-história norteará a metodologia de escrita considerando a redução da escala de análise histórica proposta pela pesquisa, resumindo-se a três meses da vida de Dom Pedro II. Nos trabalhos de Giovanni Levi e de Carlo Ginzburg, é evidente o papel do historiador como um investigador que delimita o seu objeto de estudo e esmiúça as possibilidades de fonte, o que na reconstrução do passado fez-se ferramenta no trabalho de Ginzburg em “O queijo e os vermes”, que, ao perfazer o exame do cotidiano de Domenico Scandella, trabalhou os pormenores de sua vida, inclusive impressões; e do julgamento perante o Tribunal do Santo Ofício, contextualizando o seu estudado com a sociedade do Século XVI. Deste modo, a redução da escala em vista da História Geral apresenta à perspectiva macro-histórica novas realidades sobre o contexto observado que, com a ligação da micro-história com a forma narrativa-histórica de escrita, permite uma descrição densa, grande

**D. Pedro II nos Estados Unidos**

apoio ao historiador na remontagem de um fato característico, com fonte muito particular.

Edward Palmer Thompson (1981, p. 52) expõe que: “somente nós que estamos vivendo agora, podemos dar um ‘significado’ ao passado”. Convergindo com a ideia de Thompson, é importante para a historiografia, sobretudo a brasileira, trazer a significância da viagem de Dom Pedro II aos Estados Unidos, que muito diverge de uma habitual visita oficial de um Chefe de Estado, não sendo ele um turista qualquer e não sendo aquela qualquer viagem. As conexões históricas, portanto, são uma pequena parcela do enriquecimento do conhecimento histórico e da produção-história. A História que se abriu às abordagens diversificadas e novos objetos já provou que “[...] pode fazer mais do que estudar jardins murados” (BRAUDEL, 1949 apud BURKE, 1992, p. 12).

Em 1876 o Império do Brasil vivia o contexto de pós-guerra num infamante e desastroso conflito contra o Paraguai findado em 1870 que demandou muito tempo, recursos e, sobretudo, vidas. A política interna era confusa e conflituosa. Sucederam-se no pós-guerra a Lei do Ventre Livre, em 1871; a fundação do Partido Republicano, em 1872; a questão dos bispos e maçônicos em 1874; e a falência do Barão de Mauá, em 1875. Intimamente, o Imperador também sofrera com infortúnios. A morte da filha mais nova, Dona Leopoldina, em 1871 causara-lhe profunda dor, fazendo com que se afastasse do trono por sete meses. Como afirma Schwarcz (1998, p. 373) havia em 1876 “[...] um Imperador enfasiado e que não escondia mais sua irritação com a tacanha realidade nacional e planejava sua segunda viagem ao exterior.” O artigo pretende responder às questões de pesquisa, como: Qual a intencionalidade de Dom Pedro II ao visitar os Estados Unidos? Era uma viagem meramente diplomática ou havia por trás desta uma necessidade de conferir o progresso desse país? Somente a

Exposição Universal da Filadélfia lhe chamou a atenção nos Estados Unidos? Por que lhe foi atribuído o título de 'Imperador lanque'? Analisando sua escrita, para quem escreve seus relatos? Como o jornal *The New York Herald* registrou sua estadia? Quais impressões obteve da Exposição Universal da Filadélfia?

## 2. O IMPÉRIO TROPICAL: O COMEÇO DA DERROCADA BRAGANTINA NO BRASIL

Na abertura do primeiro capítulo de sua célebre obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis traz a seguinte afirmação de seu narrador-personagem: “[...] eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor...” (MACHADO DE ASSIS, 1997, p.7), elucidando a facticidade de que Cubas morreu para poder escrever, ele é, portanto, um defunto que escreve. Dom Pedro II viajante pelo exterior não seria comparável a Cubas de outra maneira? Seria o Imperador um monarca que viaja ou um viajante que é monarca?

Dom Pedro II iniciou seu governo em 23 de julho de 1840 em um movimento que ficou conhecido por ‘golpe da maioria’. O período entre a elevação de Sua Majestade, aos incompletos 15 anos de idade, até a Questão Republicana em 1870 é chamado por Heitor Lyra de *Ascensão*, no primeiro livro da trilogia; sucedido por seu *Fastígio* entre os anos 70 e 80 e, finalmente, o *Declínio* entre 1880 e 1891, ano de sua morte em Paris aos 66 anos. Dentro dos trinta anos de ascensão do Imperador, destacam-se momentos de foro pessoal como o seu casamento em 1843 com Teresa Cristina de Bourbon, Princesa das Duas-Sicílias; o nascimento de seus quatro filhos Afonso, morto aos dois anos, Isabel, Leopoldina e Pedro, morto também aos dois anos; e anos mais tarde o casamento das filhas em 1864, seguido da morte de Leopoldina em 1871. Politicamente, Dom Pedro II enfrentou duras revoltas regionais descentralizadoras; articulou a instituição do ‘Parlamentarismo à brasileira’; assistiu o fim do tráfico negreiro em 1850; a inauguração do cabo telegráfico em 1852 e das

## D. Pedro II nos Estados Unidos

Estradas de Ferro à Petrópolis em 1854 e Pedro II em 1859; protagonizou a questão William Christie<sup>1</sup> em 1862; e a Guerra do Paraguai<sup>2</sup> entre 1865 e 1870. Deste modo, o custo do conflito, seus desgastes e desdobramentos e a morte filha, em Viena, pareceram colocar Dom Pedro II distante do poder e necessitado de aliviar-se das pressões governamentais para espairecer. A Imperatriz, ao saber do fúnebre acontecimento, adoeceu (CALMON, 1975, p. 881). Uma viagem, portanto, pareceu-lhe muito conveniente naquele momento.

Dona Leopoldina faleceu em fevereiro de 1871 e em maio, Dom Pedro II, Dona Teresa Cristina e comitiva<sup>3</sup> partem para a Europa com o aval da Assembleia Geral da Câmara<sup>4</sup>. Sua Majestade, muito afeito a outros idiomas, nunca havia saído do Brasil; promoveu, contudo, viagens dentro do país passando pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo em 1845; Rio de Janeiro em 1847; Espírito Santo, Sergipe, Bahia, Pernambuco e Paraíba entre 1859 e 1860; Minas Gerais em 1861, 1865 e 1886, além de breve passagem em Belém a caminho de Nova Iorque em 1876. A primeira viagem ao exterior do Imperador causou polêmica, uma vez que políticos consideravam inexperiente a jovem Princesa Isabel, de 24 anos, para ser regente em um momento em que o movimento republicano fora iniciado e a questão abolicionista tomava grande fôlego e incomodava a elite agrária (SCHWARCZ, 1998, p. 361) Contudo, as

---

<sup>1</sup> Episódio conhecido por determinar o corte de Relações Diplomáticas entre o Império do Brasil e o Reino Unido. Sobre o assunto vide SCHWARCZ, Lília. 1998, pp. 296-318; CARVALHO, José Murilo de. 2007, p. 103; LYRA, Heitor. 1977a, p. 207 e CALMON, Pedro. 1975, pp. 675-698.

<sup>2</sup> Sobre o assunto ver DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, 656 p.; e SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai – escravidão e cidadania na formação do exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 166 p. Para um relato de um soldado ver CERQUEIRA, Dionísio. Reminiscências da Campanha do Paraguai. 4. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980, 383 p.

<sup>3</sup> Um camarista, Nogueira da Gama; um veador, Visconde de Bom Retiro; um médico, Barão de Itaúna; duas damas Josefina Costa e Maria da Gama; duas artistas, Leonídia Esposel e Joana d'Alcântara; e um criado, Pedro de Pádua. Cf. GOUVEA, Fernando da Cruz. 1978, p. 112.

<sup>4</sup> Segundo a Constituição Política do Império do Brasil de 25 de março de 1824, em seu Artigo 104, “O Imperador não poderá sair do Império do Brasil sem o consentimento da Assembleia Geral; e se o fizer, se entenderá que abdicou a Coroa”. Cf. BRASIL. Constituição (1824).

motivações de Dom Pedro II não foram apenas de ordem política, já que seus netos menores de idade necessitavam de quem os cuidasse.

Seu roteiro contemplou Europa e Egito. Em Lisboa teve com a madrasta, Amélia de Leuchtenberg, um reencontro e conheceu o viúvo de sua irmã, Maria II de Portugal, Fernando de Saxe-Coburgo-Gota, além de sobrinhos. Seu jeito peculiar para um monarca atraiu curiosos e o apelido, por parte de Eça de Queirós, de 'Pedro da Mala'. Local da morte de seu pai e irmã, Portugal poderia passar más imagens ao Imperador que, contudo, preferia saber dos acadêmicos e ilustrados, visitando instituições de ensino e conversando com cientistas e intelectuais contemporâneos como Alexandre Herculano. Passaria ainda por Madrid, Paris; em Londres teve com a Rainha Vitória, passando dois dias no Castelo Osborne e com o Príncipe Real da Suécia, futuro Oscar II; Bélgica; Império Alemão, onde conversou com seu admirado Richard Wagner e rezaram em silêncio enquanto o genro lhe entregava os netos Pedro e Augusto para que fossem criados no Rio de Janeiro (CALMON, 1975, p. 922); Império Austro-Húngaro; Reino da Itália, onde após visitar o norte, foi para o Oriente próximo<sup>5</sup>, visitando o Egito. Do Egito, tornou à Europa por Nápoles, terra de sua Consorte, passando por Roma para tentar conciliar (LYRA, 1977b, p. 190; CALMON, 1975, pp. 942-952) Sua Santidade Pio IX (pontífice entre 1846 e 1878) e Vitor Emanuel I. De Roma foi para Perugia; Suíça; e novamente Paris, seu encanto, que apesar dos pesares, ainda era Paris dos museus, teatros, bibliotecas, instituições de ensinos e academias. Por lá, como um devoto, conheceu Louis Pasteur, célebre à época pelos estudos sobre a transmissão de doenças; quando chegou ao Rio de Janeiro, mandou-lhe a comenda da Imperial Ordem da Rosa.

---

<sup>5</sup> Sobre o assunto vide KATHLAB, Roberto. Viagens de Dom Pedro II: Oriente Médio e África do Norte (1871 e 1876). Petrópolis: Benvirá, 2015. 392 p.



## D. Pedro II nos Estados Unidos

A Igreja Católica Apostólica Romana seria a segunda instituição a sofrer com as decisões do Chefe da Nação, uma vez que o Exército foi a primeira durante a Guerra do Paraguai. Segundo a Constituição do Império do Brasil, era a Católica a religião oficial do Estado (cf. BRASIL, 1824, art. 5), tendo este, por meio do Poder Executivo, a prerrogativa de nomear os bispos e prover os benefícios eclesiásticos (cf. BRASIL, 1824, art. 102, inciso II) e conceder ou não o beneplácito aos decretos dos concílios e encíclicas papais, e quaisquer outras leis eclesiais que não contrapusessem a Constituição Nacional (cf. BRASIL, 1824, art. 102, inciso XIV). Ou seja, o monarca era, de fato, o representante legal da Igreja no país e, além disso, por pagar do Tesouro Nacional todo o clero incardinado<sup>6</sup> nas dioceses do Brasil, a Coroa nomeava os Episcopos em prática conhecida por padroado. O beneplácito<sup>7</sup>, por sua vez, causou parte da divergência entre Dom Pedro II e Sua Santidade Pio IX, uma vez que as Bulas tocantes à maçonaria e os documentos do Concílio Vaticano, principalmente o dogma da infalibilidade papal<sup>8</sup>, foram vetados pelo Imperador, ele mesmo um frequentador das lojas maçônicas, assim como seu Presidente do Conselho de Ministros, Visconde do Rio Branco, à época o Grão- Mestre da maçonaria nacional (CALMON, 1975, p. 1007). Dificuldade para os padres e bispos que não sabiam se obedeciam ao Papa ou ao governo que lhes pagava o soldo.

Em 1872, a maçonaria promoveu festa em honra à promulgação da Lei do Ventre Livre na Capital do Império (CALMON, 1975, p. 1015). O orador escolhido foi o padre maçom Almeida Martins incardinado na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro que descumprindo as Bulas<sup>9</sup> de Pio IX, que proibiam os católicos de

---

<sup>6</sup> Sacerdote admitido dentro de uma diocese.

<sup>7</sup> Para melhor compreensão do Beneplácito e Padroado vide CARVALHO, José Murilo de. 2007, p. 150.

<sup>8</sup> Cf. PIO X, São. Do Papa e dos Bispos. In: \_\_\_\_\_. Catecismo Maior de São Pio X. Niterói: Permanência, 2010, p. 51-53.

<sup>9</sup> Qui Pluribus, Quibus Quantisque Malis, Quanta Cura, Multiplices Inter e Apostolicae Sedis Moderationi.

frequentar e filiar-se às lojas maçônicas, foi suspenso das ordens pelo Bispo local Dom Pedro Maria de Lacerda. Em apoio à Santa Sé, em Pernambuco, estava o jovem bispo de Olinda e Recife, o Capuchinho<sup>10</sup> Dom Frei Vital Gonçalves de Oliveira, de apenas 28 anos, que determinou a excomunhão de todo o fiel Católico Romano que tivesse parte com a maçonaria. Em Belém, posição similar tomou Dom Antônio de Macedo Costa em fidelidade ao Papa e em solidariedade ao colega pernambucano de episcopado.

Os maçons excomungados recorreram da decisão, uma vez que os documentos não passaram pelo beneplácito. O recurso correu pelo Conselho de Estado, tendo a conclusão dos conselheiros de que os Bispos ultrapassaram as competências de seu poder, ao se insubordinar contra as leis nacionais. Com o parecer aprovado, Dom Vital e Dom Antônio, conforme a ordem do governo, deveriam suspender suas decisões imediatamente, porém, como os mitrados se negaram a obedecer, acabaram indiciados junto ao Supremo Tribunal de Justiça e por sentença dos juízes foram presos (CALMON, 1975, p. 1024) e condenados, em 1874, a trabalhos forçados e cárcere por quatro anos, com a pena comutada posteriormente a prisão simples. Em viagem à Europa, por conta de gravidez<sup>11</sup>, a Princesa Isabel protestou contra a ratificação, pelo pai, da prisão dos bispos nas cartas trocadas com o Imperador (CALMON, 1975, p. 1044), estando ela própria e o marido, Conde d'Eu, diante do Papa, que em fevereiro de 1875 manda carta a Dom Pedro II solicitando a liberdade dos religiosos. Substituto do Visconde de Rio Branco na Presidência do Conselho de Ministros, o Duque de Caxias, muito católico, embora no passado maçom, iniciou o processo de anistia dos episcopos, ameaçando deixar o governo

---

Sua Santidade Pio IX publicá-las-ia em 1846, 1849, 1864, 1865 e 1869. Em seu pontificado combateria a maçonaria ainda com a Esti Multa de 1873 e com a Esti Nos de 1882.

<sup>10</sup> Religioso ingresso na Ordem dos Frades Menores que segue a Regra de São Francisco de Assis.

<sup>11</sup> A criança nasceria morta em 1874. Porém, em 1875, D. Isabel daria à luz à Dom Pedro de Alcântara.

**D. Pedro II nos Estados Unidos**

caso o Imperador não concordasse. Entediado, o Imperador anistiu Dom Vital e Dom Antônio em setembro de 1875 (CARVALHO, 2007, p. 156).

Neste tédio havia, por parte de Dom Pedro II, o desejo de voltar à Europa (LYRA, 1977b, p. 221). Com a crise dos bispos resolvida, um herdeiro presuntivo finalmente nascido em outubro de 1875, a aquisição de experiência governamental por parte da Princesa Isabel, o seu homem de confiança na chefia do Ministério e o desejo de completar sua viagem à Europa e, por insistência de Louis Agassiz, conhecer finalmente os Estados Unidos da América, em 1876 o monarca parecia decidido a viajar. A notícia de que haveria, na Filadélfia, uma Exposição Universal em comemoração ao Primeiro Centenário da Independência dos Estados Unidos era um ânimo acrescido no ego do Imperador, haja vista ser uma oportunidade de “[...] verificar o progresso dessa grande nação americana” (SCHWARCZ, 1998, p. 373) e da ciência, a quem prestava grande tributo. Mesmo ao fim dos tumultos políticos, era então a saúde da Imperatriz Teresa Cristina que preocupava. Mesmo com uma estadia nos ares de Nova Friburgo o quadro não era animador e assim se arranhou o motivo oficial para o embarque à Nova Iorque e procurar calar as críticas severas do Senador José de Alencar. Embora o Congresso tenha dado a licença para tratar a saúde de Dona Teresa Cristina a verdadeira intensão, na verdade, consistia em procurar alívio da situação agitada da corte e das suas constantes tensões sociais e políticas, dando sinais do Imperador que ‘abre mão’ de reinar (BARMAN, 2012, p. 391). Desde a sua mais tenra infância, na morte do pai, do tutor, e em mais rupturas emocionais, o Imperador procurava “[...] manter o seu universo particular seguro dentro de si mesmo na forma do aprendizado e da instrução” (BARMAN, 2012, p.68). Se a Europa e o Egito, mundos conhecidos por si apenas nos livros, já lhe serviram de novas experiências e conhecimentos em 1871, a comitiva partiria em 26 de março de

1876 para conhecer outra civilização no continente americano. “Quero ver os maiores centros industriais, para aprender alguma coisa que possa aproveitar no meu país quando regressar” (GUIMARÃES, 1961, p. 59).

### 3. O PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE E O CORRESPONDENTE<sup>12</sup>

Os registros do volume 17 dos diários do monarca brasileiro divergem do modelo tradicional de diário, onde o autor exprime seus sentimentos íntimos para guardá-los a fim de preservar-se ou recordar-se das experiências anotadas. Estes registros divergem dos diários utilizados como exercício de memória e escrita, tratando-se, portanto, de uma escrita para si e para o outro, uma vez que o monarca descreve o que vê para recordar-se e para quem o lê imaginar os cenários descritos. Na carta à Princesa Isabel, transcrita ao Diário, e datada de 11 de maio de 1876, elucida seu intuito:

Recomendo-lhe o New York Herald que publica tudo de minha viagem com muitíssima exatidão – quando o permitem as circunstâncias. O Partridge<sup>13</sup> e mesmo outros hão de recebê-lo. Adeus! As notas de viagem foram escritas a vapor e só para depois fazer uma narração exata da viagem à vista delas. Porém ainda não me chegou o tempo para isso, e vocês aproveitam o que puderem de semelhante sarrabulho. Adeus, ainda cheio de saudades, de seu Pai que tanto lhe quer... (PEDRO II, 1876, p. 14).

A revelação da feitura das notas e da descrição mostra a vontade de partilha que o Imperador tem sobre este empreendimento. Conforme Ângela Gomes (2004, p. 16) “[...] A escrita de si é, ao mesmo tempo, construtiva da identidade de seu autor e de seu texto, que se criam, simultaneamente, através desta modalidade de ‘produção do eu’”. Assim a identidade de Dom Pedro II como viajante é construída

---

<sup>12</sup> O termo “Patrimônio da Humanidade” é referência ao título ganho pelos documentos do Imperador junto à UNESCO em 2012. Disponível em: <<http://www.museuimperial.gov.br/palacio/patrimonio-da-humanidade.html>> Acesso em 20 mar. 2020.

<sup>13</sup> Trata-se do Ministro estadunidense no Brasil, James Patridge.

**D. Pedro II nos Estados Unidos**

conjuntamente com seu relato, ainda que sua disposição<sup>14</sup> seja uma característica inata. Seus registros são meticulosos, com data e hora severamente marcadas, quando não, próximas; em dias que esteve fora em afazeres, assinala com suas ações, sempre descrevendo com detalhes não somente suas impressões pessoais, mas características gerais do que nota. Em 08 de maio, dois dias antes da abertura da exposição, esteve com Grant em Washington.

Antes do almoço<sup>15</sup> fui ao Smithsonian Institution. Os objetos mais curiosos foram para Filadélfia onde encontrei o professor Henry, que muito me agradou e era amigo íntimo de Agassiz, que muito me falou nele. Mostrou-me todo o estabelecimento. Há belos modelos em gesso de animais fósseis. O túmulo de Séptimo Severo não está acabado mas indica que fosse dele. Às 10 fui ver o botanical-garden que me agradou pela variedade de plantas exóticas. Vai publicar um catálogo. Fica junto ao Capitólio aonde eu fui e vi a biblioteca de 300.000 volumes. É bela porém não chega no arranjo ao do British Museum, e da nova planta da Biblioteca Nacional de Paris.

Assisti à reza da abertura da Câmara ao meio dia. Vi a Supreme- Court cujo aspecto impôs-me respeito. São 9 magistrados — todos presentes — que dizem são de uma reputação ilibada.

Fui depois visitar o presidente. Seu aspecto é grosseiro. Pouco fala. A nora é muito amável. A mulher feia e vesga faz o que pode para ser amável. O filho parece rapaz muito inteligente. Mr. e Mrs. Fish agradaram-me muito.

Depois de jantar fui à imprensa nacional. 1200 trabalhadores. Salões de 300 pés de comprimento e 76 de largura, para composição, prensas das melhores — uma imprime 7.000 folhas de ambos os lados numa hora. Disseram-me que a máquina não dobra perfeitamente; porém depois o diretor confessou que o governo não adota essa máquina nem a de coser para empregar mais braços. Bela oficina de encadernação — encadernam muito solidamente e com gosto.

Há 500 mulheres empregadas. A oficina da eletrotipia é mesquinha. Imprime só para o governo na razão de 700.000 impressos por ano e encadernam na mesma razão. É um estabelecimento digno de ver-se. Montou-se em 1861. (PEDRO II, 1876, p. 13-14)

As falas de Dom Pedro II revelam que sua escrita é uma maneira da

---

<sup>14</sup> Impressionante neste sentido é a viagem de Dom Pedro II à Bahia em 1859, onde percorria cerca de três a quatro cidades por dia. Cf. CALMON, 1975, p. 577 et seq.

<sup>15</sup> Dom Pedro II tinha hábitos muito regrados, inclusive os alimentares. Desde menino fazia o desjejum às sete, o almoço às dez, o jantar às dezesseis e a ceia às vinte e uma. Cf. CARVALHO, 2007, p. 96.

Jorge Henrique Marcelino

posteridade conferir os seus percursos e as suas ideias para com a sociedade estadunidense. Se os políticos críticos ao seu reinado apontam que suas férias eram inadequadas, o Imperador lhes respondia com sua habilidade e abertura por descobrir inovações científicas, melhorias aplicáveis para políticas públicas e uma visão progressista numa sociedade que há pouco abolira o sistema escravagista e enfrentara uma Guerra Civil que ainda dividia sua população. Pelos seus modos desembaraçados, simplicidades nos atos e despreocupação com a etiqueta, O’Kelly chamaria Dom Pedro II de ‘Imperador Ianque’ no editorial de 02 de abril de 1876, onde o Herald publicaria que “[...] nosso Imperador Ianque não sai para valsar [...] nem caçar, mas para realizar sempre trabalho útil. Quando voltar à pátria saberá mais acerca dos Estados Unidos do que dois terços dos membros do Congresso.” (HERALD, 1876 apud GUIMARÃES, 1961, p. 176)

James O’Kelly já registrava que Dom Pedro II era um verdadeiro ianque<sup>16</sup>. O periódico, segundo Argeu Guimarães (1961, p. 5), foi fundado por James Gordon Bennett, sendo adepto ao que contemporaneamente se intitula por sensacionalismo, utilizando-se de “[...] iniciativas para estarrecer a humanidade...”, levando ao público notícias sobre as revoluções, surtos, guerras, catástrofes e afins, ou seja, movendo-se pela publicidade (GUIMARÃES, 1961, p. 6). Na direção do Herald em 1875, Bennett Junior, filho de James Bennett, ao saber da decisão do Imperador do Brasil em assistir à Exposição Universal da Filadélfia não perdeu a chance de publicar a notícia de forma completa enviando para o Rio de Janeiro um correspondente especial. Descendente de irlandeses James O’Kelly, incumbido de apresentar aos leitores do diário um retrato sobre o Império do Brasil e seu soberano (GUIMARÃES, 1961, p. 7).

---

<sup>16</sup> The New York Herald, edição de 16 de abril de 1876.

**D. Pedro II nos Estados Unidos**

O jornalista partiu para a corte em janeiro de 1876 e até o embarque de Dom Pedro II à Europa, em julho, não saiu de perto dele.

O primeiro editorial do Herald sobre a visita de Dom Pedro II é datado de 21 de fevereiro de 1876. Ao todo, o jornal faria 63 edições cobrindo a estadia de O’Kelly no Rio de Janeiro, o trajeto até Nova Iorque e o cotidiano do monarca em solo estadunidense entre fevereiro e 12 de julho de 1876, quando os nomes de Suas Majestades Imperiais são citados pela última vez. Enquanto fevereiro rendeu apenas a citada edição do dia 21 que tratou da chegada do correspondente ao Brasil e das suas impressões sobre a corte (GUIMARÃES, 1961, p. 23), março teria quatro publicações, as quais duas de abril convergem no diálogo, tratando de aspectos do Brasil e do trajeto entre o Rio de Janeiro e Nova Iorque, que obrigou paradas acaloradas em Salvador, Recife e em Belém; as demais vinte edições de abril, quinze de maio, dezesseis de junho e cinco de julho são de assuntos corriqueiros sobre as atividades do Imperador nos Estados Unidos. As maneiras republicanas do soberano brasileiro encantariam o povo estadunidense.

Nem creio que nos Estados Unidos e na Europa se hajam escrito impressões mais diretas, exaustivas e verídicas sobre o Imperador que mereceu, no aludido milésimo, carinhoso acolhimento dos nossos velhos e bons amigos do Norte, seduzidos pela sua personalidade, encantados com os seus hábitos simples e afáveis (GUIMARÃES, 1961, p. 4).

A partida para Nova Iorque se deu com festas após o feriado de 25 de março<sup>17</sup>, não faltando a típica comoção de Dona Isabel (CARVALHO, 2007, p. 159; GUIMARÃES, 1961, p. 49). O Hevelius levaria vinte dias exatos para concluir a viagem, passando por Salvador, cuja cidade ninguém desembarcou pela ordem de quarentena decretada pelos casos de febre-amarela; por Recife, onde o Imperador, rígido com os horários,

---

<sup>17</sup> Dia do Juramento à Constituição. Cf. SCWARCZ, Lília. 1998, p. 292.

apenas permitiu que as autoridades civis e militares viessem cumprimenta-lo (GUIMARÃES, 1961, p. 72); e por Belém, local em que finalmente a comitiva pôde desembarcar após chuva torrencial, em cinco de abril, sendo cercada por populares interessados em saudar os visitantes imperiais e garantir seu beijo às mãos de Suas Majestades (Cf. CARVALHO, 2007, p. 160). Dom Pedro II permaneceria apenas quatro horas na capital do Grão-Pará, voltando para suas aulas de sânscrito, para as leituras de Shakespeare e as traduções de Henry Longfellow e John Whittier. Era a ânsia de chegar logo.

#### 4. UM IMPERADOR VERVE PARA A VERVE ESTADUNIDENSE

Em um sábado, 15 de abril de 1876, pouco depois das três da tarde, Dom Pedro II pôs os pés nos Estados Unidos. Depois de cerimônia oficial que contou com enviados do Presidente Ulysses Grant, o casal imperial desembarcou no Brooklin, tendo rejeitado uma lancha presidencial, indo de carruagem para um hotel na Quinta Avenida, que segundo O'Kelly, recebeu a visita de muitos populares desocupados interessados em apenas saber se o Imperador já havia chegado e ali se alojado<sup>18</sup>. Depois de breve descanso, o monarca inquieto para perceber o progresso daquela parte da América saiu às ruas de Nova Iorque, visitando a oficina do Herald que muito o agradou pelas linotipos que executavam milhares de exemplares do jornal (GOUVÊA, 1978, p. 188) e, por fim, o Teatro Booth, onde assistiu Henry V de William Shakespeare. Três dias Dom Pedro II passaria entre os nova-iorquinos até tomar o vapor Pullman, da Union Pacific com destino à San Francisco, Califórnia, de onde a partir do dia 30 de abril de 1876, começam seus registros.

Nove dias durou o trajeto entre Nova Iorque e San Francisco. O início dos registros de seu diário de viagem, o volume 17, descreve a região geográfica e

---

<sup>18</sup> The New York Herald, edição de 16 de abril de 1876.



## D. Pedro II nos Estados Unidos

geologicamente, atendo-se à paisagem e atividades econômicas locais, onde inevitavelmente faz comparações com o Brasil, registrando que “[...] na vinda examinei aqui as oficinas centrais desta estrada de ferro. São muito importantes; porém não tão bonitas como as da estrada de ferro do Rio...” (PEDRO II, 1876, p. 1) e havendo a possibilidade de ligar o Império Russo à América pelo Estreito de Bering, registrou Dom Pedro II (1876, p. 1) “[...] Ir-se-á, assim, por estrada de ferro de ferro de N. Y. até Lisboa. E a América do Sul?”, são projeções de um viajante que é, por consequência, um monarca. A preferência pelos navios a vapor, os custos que projetos mirabolantes poderiam ter e, posteriormente, a invenção do avião que substituiria as ligações entre os países, frustrariam seu plano progressista.

Diferentemente da ida, a volta pela Union Pacific é registrada detalhadamente. De San Francisco, passou em Salt Lake City, onde visitou um Tabernáculo Mórmon (PEDRO II, 1876, p. 7); agradou-lhe a Chicago de 400.000 habitantes, local onde soube dos elevadores; no caminho para Oil-City, senhoras adentraram seu vagão e uma perguntou sobre Valparaíso, pensando ser uma cidade brasileira; vendo a gafe, as quatro foram embora (PEDRO II, 1876, p. 10); em Auburn visitou uma penitenciária, a qual, segundo suas palavras, era inferior à do Rio (PEDRO II, 1876, p. 11); em Pittsburg, observatório astronômico e encontro com Donnely, chefe de polícia que morara no Brasil por nove anos; quando finalmente chegou a Washington, em 07 de maio, onde assistiu a Missa na Catedral de São Mateus Apóstolo<sup>19</sup> e foi visitar o Capitólio.

Em Annapolis, Dom Pedro II visitou as escolas naval e de maquinistas, o observatório astronômico e naquela a Academia de Música, o Teatro Ford, a

---

<sup>19</sup> “[...] Igreja pequena e cantoria péssima. Notei que as pessoas de cor ocupavam um lugar separado na galeria. Sermão medíocre por um padre de 80 anos...” PEDRO II, Dom. 1876, p. 12.

Jorge Henrique Marcelino

Biblioteca, a Academia de Ciências, a Catedral de São Luís<sup>20</sup>, a Escola Normal, a Prefeitura, o Cemitério, onde viu a sepultura de Edgar Allan Poe; terminando o dia no First Theatre. Os dias de Dom Pedro II nos Estados Unidos estiveram reservados para visitas às instituições de ensino para crianças, os chamados kindergarden (ou jardim de infância), as escolas normais e superiores, museus, observatórios astronômicos, penitenciárias, prédios públicos, monumentos, fábricas, institutos científicos, pontos turísticos, templos religiosos, jornais e casas de repouso para os ex-combatentes da Guerra Civil, os mais necessitados e surdos-mudos, sendo os gastos dos empreendimentos constantes em seus registros, que contemplam após as horas o nome da estação e tudo aquilo que repara da janela do trem. Antes de partir para Baltimore para conhecer o Sul, o Imperador abriria a Exposição Universal da Filadélfia em 10 de maio, ao lado de Grant. José Murilo de Carvalho (2007, p. 166) salienta que duzentas mil pessoas vieram assistir a abertura da Exposição, chegando Dom Pedro II bem antes do Presidente, mas juntos puxaram a alavanca da Corliss Engine, que acionou cerca de outras oito mil máquinas.

Dom Pedro II passaria mais de um mês percorrendo os Estados Unidos e o Canadá antes de fazer qualquer exame na Exposição da Filadélfia. Passando por Ohio, Indiana, Kentucky, Tennessee, Illinois, Mississippi, Louisiana, Alabama, novamente Tennessee, Búfalo, estado de Nova Iorque; Canadá, cidade de Nova Iorque até regressar à Filadélfia; não deixou de queixar-se dos modos sulistas e de “[...] sua má causa interesseira” (PEDRO II, 1876, p. 24), que o fazia preferir o norte ao sul. Em Boston encontrou-se com seus amigos Henry Longfellow e John Whittier; e em Vassar College, Poughkeepsie, para garotas, examinou as dependências e conheceu Maria

---

<sup>20</sup> Dom Pedro II deve ter se enganado. A Catedral, hoje Basílica do Santuário Nacional, de Baltimore, é dedicada à Virgem Maria. Para São Luís há, apenas, uma Paróquia em Clarksville. Cf. PEDRO II, 1876, p. 15.

**D. Pedro II nos Estados Unidos**

Mitchell, primeira astrônoma profissional dos Estados Unidos e diretora do Observatório Astronômico de Vassar College. Passaria, ainda, pela Universidade de Yale até iniciar a visita à Exposição Universal em 20 de junho.

Segundo seu registro, Dom Pedro II iniciou suas visitas às 10 horas, findando-as às 14 horas. Os pavilhões da exposição eram divididos nas Alas de Máquinas, como o nome pressupõe, onde os países expunham as novas máquinas de uso corriqueiro; no Pavilhão da Agricultura, para os instrumentos agrícolas; e no Pavilhão da Hortícola, para espécimes agriculturáveis, como frutas e plantas. Naquele dia, devido ao grande número de colônias e a extensão do Império Britânico, houve muito o que analisar, porém lhe chamaram a atenção as coleções mineralógicas da Austrália, os diamantes da Cidade do Cabo, os quais comparou aos brasileiros e o café jamaicano, “[...] tão bom como o nosso melhor...” (PEDRO II, 1876, p. 68). No fim da análise o Imperador salientava que as “máquinas já conhecidas e que não tenham melhoramentos eu não examino” (PEDRO II, 1876, p. 68).

No dia seguinte, somente a exposição francesa demandou sua atenção. Interessou-se pela coleção de maquinaria de Deleul, uma balança e uma pneumática; a joalheria de Boucheron; a Ala de Agricultura não expôs nada que chamasse a atenção e a de Hortícola, não expôs. Mas Dom Pedro II traria folhetos explicativos do que viu na Ala de Máquinas. Mais chamativa lhe foi o pavilhão dos Estados Unidos entre os dias 23, 24 e 25 de junho, em que nota avidamente coleções sobre a vida dos povos nativos, mineralogia e pesca e metalurgia; porém se afeiçoa aos guias de instrução pública, os quais ele trouxe para o Brasil (PEDRO II, 1876, p.71). Seria nesta ocasião, ao lado de Alexander Graham Bell, que o Imperador entraria para sempre para a história da ciência, testando pela primeira vez o telefone, num episódio rodeado de fábulas.

Jorge Henrique Marcelino

A fábula do telefone começa com o próprio Herald. A edição de 28 de julho traz a floreada versão da romancista Bertita Harding sobre o fato, em que diante de um *stand* às escuras, um jovem inventor escocês fora esquecido pelo público e pela comissão, mas foi reconhecido por Dom Pedro II, um conhecedor de seu trabalho com os surdos-mudos em uma Escola em Boston. O Imperador, testando o aparelho, de modo perplexo gritara “Meu Deus, isto fala!” e depois, tendo Bell recitado o solilóquio<sup>21</sup> de Hamlet, correu o Imperador em sua direção para saudá-lo pelo invento, asseverando que o Brasil, seria o seu primeiro cliente. Esta versão miticamente se perpetuou na História (Cf. SCHWARCZ, 1998, p. 376; LYRA, 1977b, p. 239; GOUVÊA, 1978, p. 194; CALMON, 1975, p. 1091 e CARVALHO, 2007, p. 168). O diário de Sua Majestade, entretanto, minimiza o caso, tornando-o uma visita corriqueira, ao que trata o

aparelho elétrico automático e quadrupler, creio eu e finalmente a aplicação que Bell, o mesmo do Instituto dos Surdos-mudos de Boston, fez do princípio de Konig à transmissão dos sons pelo fio elétrico. Seu aparelho é mais simples que o outro porém não é como este aplicável à telegrafia. Não é parecer somente meu; mas que Sir W. Thompson achou exato. (PEDRO II, 1876, p. 59).

Havia outro aparelho com o mesmo princípio que o de Bell naquele dia 25 de junho na Exposição da Filadélfia, porém apenas o telefone do escocês funcionou e o Herald criou toda a fábula do caso. Anos mais tarde somente a Rainha Vitória seria lembrada pelo uso do telefone em um filme sobre a vida de Graham Bell, ficando este episódio da Filadélfia perdido em prol do bom roteiro hollywoodiano. Depois de utilizar o telefone, Dom Pedro II partiu para a Europa em 12 de julho de 1876, tornando ao Brasil em setembro de 1877, quando uma terrível seca já havia assolado o nordeste, principalmente o Ceará.

---

<sup>21</sup> To be or not to be... Ser ou não ser...

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O perfil único de Dom Pedro II é revelador. Órfão de pai e mãe aos nove anos e Imperador do Brasil aos catorze, Dom Pedro II foi educado de modo rígido, sob os olhos de políticos, que governavam um país tão jovem quanto o seu monarca e tão conturbado quanto a sua vida pessoal. As adversidades de seu foro íntimo lhe fizeram apegar-se aos livros para esquecer as necessidades de criança e a construção do Imperador desde menino, de modo que os idiomas e a ilustração foram os seus divertimentos até a morte. Sua erudição o fez conhecido nos recintos das artes e, sobretudo, das ciências. Dom Pedro II pagava do próprio bolso suas viagens, além de bolsas de estudo para nomes como Carlos Gomes e Vitor Meireles. Enquanto pôde, trocou cartas com nomes como Richard Wagner, Alexandre Herculano e Henry Longfellow e buscou encontros com Charles Darwin e Victor Hugo. Fora o empenho em promover o encerramento da prática escravista no país, a tentativa da construção de uma identidade nacional para o Brasil pode ser considerada o maior dos legados de Dom Pedro II. Segundo Roderick J. Barman (2012, p.8) os feitos do Imperador, interna e externamente, aliado à reputação criada no exterior, convenceram o povo que o monarca defendia criar uma potência civilizada como suas contemporâneas Grã-Bretanha e França.

A viagem de Dom Pedro II aos Estados Unidos do primeiro centenário é um marco para as relações diplomáticas entre os dois países. É reveladora, pela análise do diário do Imperador, dos costumes e linhas de interesses deste monarca que se faz viajante e deste viajante porventura monarca, um soberano cosmopolita e letrado de um vasto país agrário e marcadamente sofrido, cujas impressões sobre a verve estadunidense evocam seu desejo de pertencer àquilo de algum modo ou de implantar na estrutura funcional da sociedade brasileira aqueles ideais nele

despertados e percebidos por suas anotações. Sua ideia de pertencimento ao serviço público, como que uma outra instituição nacional, foi amplamente acolhida pelos estadunidenses que fizeram dele o seu 'Imperador lanque', disposto a conferir de perto o que o povo produz, criticar as coisas e conferir se os agentes de serviço público corretamente exerciam a profissão. Fora os muitos manuais e livros que trouxe ao Brasil, a viagem lhe foi positiva, sobretudo à própria imagem de Imperador Cidadão, um genuíno triunfo nas palavras de Roderick Barman (2012, p. 398).

Ao mesmo tempo seu relato de próprio punho daquele lado do continente lhe acompanha como legado histórico de memória do mundo por conter as minúcias dos três meses que por lá passara. Seu cuidado no detalhamento dos acontecimentos é crucial para entender que Dom Pedro II não quisera morrer com aquelas memórias, pois pertenciam também aos que o lessem e que pelos seus escritos pudessem se inserir em múltiplos roteiros pelos Estados Unidos à véspera do Centenário de sua Independência. A viagem de Dom Pedro II aos Estados Unidos não contempla apenas uma viagem por paisagens e pontos turísticos, mas também é um retrato da ciência em transformação, dos inventos, das relações sociais e suas reconstruções (BARMAN, 2012, p. 395).

Era a primeira vez que um monarca, parente dos soberanos europeus colocava os pés nos Estados Unidos e no ano do centenário de sua independência. O povo que conhecia os reis pelos livros ou por contos populares, estranharam aquele monarca sem coroa, sem manto, sem cetro, sem regalias e sem pompa que circula de sobrecasaca, boné, maleta, guarda-chuva e de carro aberto (LYRA, 1975b, p. 229). O Imperador foi tomado como uma celebridade, um dos maiores soberanos ainda vivos e um exemplo para os políticos de como ser uma figura pública pelo jovem jornalista de origem irlandesa, James O'Kelly, e pelo *The New York Herald*, cujas reportagens

## D. Pedro II nos Estados Unidos

não apenas promoveram a imagem, já consolidada por 37 anos de serviço público, de Dom Pedro II, mas do Império do Brasil. A enorme curiosidade para saber das inovações científicas dentro da Exposição Universal da Filadélfia são provas da imagem consolidada de um soberano que “dedicou cinquenta anos no formidável desafio de tornar o Brasil uma nação” (BARMAN, 2012, p. 8).

“[...] Com efeito, a viagem lhe convinha...” (SCHWARCZ, 1998, p. 377). A estadia nos Estados Unidos traz o Imperador para sua feição cosmopolita, de fascinado pelo progresso e pela ciência, onde encontra um modelo nacional amplamente divergente do difundido na Europa que lhe fora contemporânea. O tempo que passara na pátria estadunidense lhe reforçou o hábito de visitação às repartições públicas. As percepções do monarca brasileiro, seus contatos com populares, governantes e nomes conhecidos de inúmeras áreas do conhecimento, a profusão das publicações sobre sua jornada nos Estados Unidos e os interesses inesgotáveis de Sua Majestade, perpetuariam sua imagem de imperador-mecenas e de monarca-cidadão. De fato, como salienta Schwarcz (1998, p. 495), um fantasma chamado Dom Pedro II.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARMAN, Roderick J. **O imperador cidadão**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República**: das Origens a 1889. São Paulo: Alfa-Ômega, 1986.

BEDIAGA, Begonha (Org.). **Diário do Imperador Dom Pedro II (1840-1891)**. Petrópolis: Museu Imperial, 1991.

BESOUCHET, Lídia. **Dom Pedro II e o Século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BRASIL. Constituição (1824). **Constituição Política do Império do Brasil**. Rio de Janeiro, 25 mar. 1824. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao24.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm)>. Acesso em

23 dez. 2019.

BURKE, Peter (org). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

\_\_\_\_\_. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CALMON, Pedro. **História de Dom Pedro II**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. 5 v. 2008.

CARVALHO, José Murilo de. **Dom Pedro II: Ser ou não ser**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia à República: Momentos Decisivos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

FAINGOLD, Reuven. **Dom Pedro II na Terra Santa: diário de viagem, 1876**. São Paulo: Sêfer, 1999.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. **Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p.143-180.

\_\_\_\_\_. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOUVÊA, Fernando da Cruz. **O imperador itinerante**. Recife: Secretaria Estadual de Educação e Cultura, 1978

GUIMARÃES, Argeu. **Dom Pedro II nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro; LIBBY, Douglas Cole. **A Economia do Império Brasileiro**. São Paulo: Atual, 2004.

JUBILATO, Manoella Neres. **Edição e estudos de cartas inéditas escritas por Dom Pedro II**. 2013. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.



## D. Pedro II nos Estados Unidos

KHATLAB, Roberto. **Viagens de Dom Pedro II**: Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876. Petrópolis: Benvirá, 2015.

KARNAL, Leandro et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

LYRA, Heitor (1977a). **História de Dom Pedro II (1825 – 1891): Ascensão (1825 – 1870)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1977.

\_\_\_\_ (1977b). **História de Dom Pedro II (1825 – 1891): Fastígio (1870 – 1880)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1977.

\_\_\_\_ (1977c). **História de Dom Pedro II (1825 – 1891): Declínio (1880 – 1891)**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1977.

MAURO, Frédéric. **O Brasil no tempo de Dom Pedro II (1831 – 1889)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

O IMPÉRIO do Brasil na Exposição Universal de 1876 em Philadelphia. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875. 558 p. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/242450>>. Acesso em 12 jan. 2020.

PEDRO II, Dom. **Diário de viagem aos Estados Unidos (1876)**. Petrópolis: Arquivo do Museu Imperial de Petrópolis, ts. 69 p.

\_\_\_\_. **Cartas a Princesa Isabel (1889)**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2011. 23 p.

PIRES, João Ricardo Ferreira. **Notas de um diário de viagem à Minas Gerais: política e ciência na escrita viajante do Imperador D. Pedro II (1881)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de história, UFMG, Belo Horizonte, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: Dom Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lília Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: Uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

THE NEW YORK HERALD. Nova Iorque (EUA): James Gordon Bennett Junior, [Fev. 1876 a Jul. 1876] – Diário. Disponível em: <<http://fultonhistory.com/my%20photo%20albums/All%20Newspapers/New%20York%20NY%20Herald/index.html>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

Jorge Henrique Marcelino

THOMPSON, E. P. Intervalo: A lógica histórica. In: \_\_\_\_\_. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1981. Capítulo VII, p. 47-62.